

**ESCRITOS DA
INDISCERNIBILIDADE**

ALBERTO PUCHEU

SUMÁRIO

ESCRITOS DA ADMIRAÇÃO	03
ESCRITOS DA ÍNTIMA ESTRANHEZA	12
ESCRITOS DA SINTAXE DO TRÂNSITO	21
ESCRITOS DA VIDA	30

ESCRITOS DA ADMIRAÇÃO

*

... o que, agora, tento. A partir de uma abertura, descobrir relações de mestiçagens entre poesia e filosofia, manusear uma matéria disforme que supere a abordagem dos pólos estanques, dar-lhe voz

*

Se filosofia e poesia possuem particularidades que, através das alteridades, mantêm suas respectivas diferenças, há também entre elas encontros que provocam a mistura de uma com a outra, permitindo a formação de corpos múltiplos.

*

Aristóteles: Através da admiração, pois, tanto agora como desde a primeira vez, os homens começaram a filosofar (...). Mas aquele que admira e se encontra sem caminhos reconhece sua ignorância. Por conseguinte, o filômito é, de certo modo, filósofo: pois o mito é composto do admirável, e com ele concorda e nele repousa. Tó thaumázein, o espanto, a admiração, é a palavra de uma possível miscigenação entre o filosófico e o poético: o filômito, amigo dos mitos, é, também, filósofo, amigo do saber, no sentido de que ambos se espantam com o admirável, descobrindo-se sem caminho, sem saída, perplexos diante da constante aporia que a vida nos impõe. O amigo dos mitos e o amigo do saber se encontram suspensos, na ausência de conhecimento que ambos reconhecem possuir: eles - amigos de -; mas de tal forma que o que será pensado e

falado virá do próprio admirável, do próprio espantoso, e com ele concordará e nele repousará.

*

Poesia e filosofia não principiam pela indagação; nem pela dúvida. Mas pela exclamação das palavras que insistem em transbordar com o admirável, a ponto de não se distinguirem dele. Os escritos não são instrumentos de comunicação do que lhes é exterior. Eles mesmos, já espantosos, realizam seu limite, chegando ao que, desde sempre, são: palavras, criações de novos destinos.

*

A miscigenação conduz da apatia ao páthos do admirável, do aético ao éthos do espanto.

*

Possibilitada pela vivência de quem tem o verbo como aquilo que o transpassa, o fundamenta e o envolve, a admiração deixa a realidade se expor em toda sua potencialidade, em todo seu vigor, fazendo com que a pessoa, quando alheia a ela, fique anestesiada para o real que passa a se projetar menos do que poderia.

*

A escrita fragmentária se torna símbolo do poético-filosófico. Ela se constitui como tentativa de fazer com que a linguagem, ainda que se apresente aos estilhaços,

permaneça fiel ao seu princípio; o que for alheio a esta possibilidade, como, por exemplo, a explicação lógica e a maquiagem discursiva, deve ser apagado. Neste sentido, a escrita é sempre fragmentária (ainda que o texto seja extenso): é um fragmento do espanto. A palavra do pensamento poético ou da poesia pensante se caracteriza por uma sensibilidade materializante do admirável. Poesia: pensamento: filosofia: dar matéria (palavras) às exclamações, e exclamações à matéria.

*

Se a pergunta aceita ser material do poético e do filosófico, decorre do fato da própria exclamação já ter se dado antes mesmo de algum questionamento. O ponto de interrogação camufla o de exclamação. Este último, corporal, visceroso, tem a presença do afeto imediato e da dor imposta pelo enigma da vida. Nem perguntas, nem respostas: no vácuo de suas suspensões principia o pensamento.

*

A realização poética traz em si a liberdade para ocorrer a partir de qualquer momento, por mais cotidiana que seja a situação em que nos encontramos: ela acontece sempre que o impossível é disparado na-e-ou-pela linguagem e, ainda, quando o cotidiano consegue se desagrilhoar, deixando-se ser percebido enquanto o imprevisível que, efetivamente, é.

*

Para além dos que tramam a contraposição entre o cotidiano entediante e o escape pela aventura, os escritos nos quais o próprio cotidiano se descobre extraordinário.

*

O tiro do impossível no provável do cotidiano é o destino do qual não se pode escapar. Ele leva o poeta a buscar uma linguagem correspondente.

*

A exclamação do poeta (do pensador, do filósofo) é feita de dentro do enigma. Ele não é aquele que decifra a esfinge, sob pena de morte caso fracasse. Ele não é aquele que consulta o oráculo para descobrir o futuro vindouro. Ele é a própria esfinge, produtora de enigmas. Ele é o próprio oráculo, criador de palavras ambíguas. No princípio, era o enigma, que se bastava por si mesmo, e o oracular era uma ambiência a ser freqüentada, uma morada a ser habitada. Nenhuma resposta o precedia, nem era requisitada nenhuma explicação. A necessidade de sua decifração se constitui como tarefa tardia do pensamento. Antes de ser a revelação de um sentido oculto, a palavra poética, pensante, dedica-se a nos envolver com o oculto que há em todo sentido: ao invés da dúvida, a exclamação; ao invés da pergunta e da resposta, o enigma.

*

Ainda que soe de maneira esdrúxula, poesia e filosofia se unem sob os desígnios de uma filoracularlogia.

*

Dizer o que não pode ser dito, nomear o inominável, eis o enigma do poético ao qual o escritor dedica seu voto. No momento em que o inescritível ganha corpo na palavra ou, se quisermos, no momento em que por ela é dado percebê-lo, dá-se a realização do poético.

*

A medida da palavra é sua desmedida: do não-dizível, ela se põe à escuta; nele, ela se plenifica. Escrever se torna um lançar-se para dentro da impossibilidade da própria escrita. Impossibilidade que, de seu desamparo, cede, e, cedendo, faz-se possível. Para o que vai aparecendo na linguagem, só há uma pertinência: o inesperado. Quando nada mais há a dizer... quando, em seu exercício cotidiano, o poeta esgota qualquer possibilidade de referência a alguma coisa específica em sua manifestação aparente... quando tudo aquilo que existe e que poderia ser dito através do discurso não desperta mais interesse... inicia-se, então, a escrita do nada, obscura, do poeta-pensador que se entrega com máxima devoção a deixar, naquilo que é escrito, repousar a impossibilidade de todo escrever. A força desta escrita é sua fraqueza. Não há lugar para contradições nem dialéticas. Pensar poeticamente é se atrever ao pré-dito do pensamento (ao inefável de todas as coisas, ao imponderável, ao extraordinário, ao total desamparo), permitindo-lhe se apresentar nas palavras.

No fundo de toda escrita pensante, quando o leitor consegue atingi-lo, é nada, o encontrado. Este nada é a própria linguagem, morada privilegiada do silêncio.

*

O encantamento provocado pela palavra é tal que, tão logo começamos a falar, ou a escrever, ela entra num devir, metamorfoseando-se, supostamente, no que foi, no que é, no que será. Como a liberdade da letra é experimentar limites, ela, além de exercitar suas ventosas para tentar se agregar ao manifesto do real, cria o que nunca foi, nem é, nem poderá existir em sua ausência. Mesmo quando quer falar aquilo que já está dado no mundo (ou o que, outrora, já o fora, ou o que ainda o será), tudo que encontra é a ausência do que queria dizer, falando, portanto, esta própria ausência, e mais nada; ausência feita da combinação de letras, da matéria robusta da palavra. Por isso, a linguagem, por fundamento e definição, é poética, mesmo nos momentos em que não a imaginávamos sendo.

*

As palavras perseguem o pensador. Submetendo-o, elas o obrigam ao que lhe é completamente desconhecido: onde o poeta (o filósofo) se perde e se encontra, e em sua freqüentação trabalhará incansavelmente.

*

Partícipe do movimento de criação do mundo, a palavra é criadora contígua do real. Com ele, de dentro de sua

eclosão, ela, constitutiva e originária. A arte imita os arranjos cosmológicos em seu movimento de criação; se ela é imitação, é apenas neste sentido: criando, mostra a realidade enquanto criação ininterrupta.

*

A experiência poética constrói caminhos pelos quais podemos nos movimentar; concernindo-nos mais que todos os outros, delineiam um viver.

*

Erguer do solo uma habitação que não se dissocie da linguagem e do cosmos, de uma cosmologia, para que o espanto se perpetue dispondo-se de nós e para nós.

*

Se alguém compuser um tratado de medicina em versos, será poeta? À pergunta, Aristóteles responde negativamente, dizendo que apenas os vulgares consentiriam em denominá-lo assim. Não é o verso a medida da poesia: as diversas possibilidades literárias, seja um soneto, um poema em prosa, uma seqüência de versos irregulares ou qualquer outra, podem trazer o que se estabelece como fundamental; ou não.

*

O interesse convergindo para o poético-filosófico, pode-se entender a palavra *métron*, medida, a partir do fragmento 30 de Heráclito, em que aparece diretamente

comprometida com o cosmos no qual o homem (e tudo que o circunda) se encontra desde sempre lançado: *O mundo, o mesmo em todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez mas sempre foi, é e será, fogo sempre vivo, acendendo segundo a medida e segundo a medida apagando.* Neste caminho, medida é a encruzilhada necessária em que acontece a contínua eclosão do real. O aparecimento (e desaparecimento) de homens e deuses, como o de tudo mais, passa a ficar submetido aos desígnios imprevistos da medida. *Métron* se aproxima de *Moira*, Destino, e de sua força nem mesmo Zeus pode escapar.

*

A miscigenação entre filosofia e poesia parte da ambiência de um pensamento que poderíamos chamar de *filogenético*, atentando para os três substantivos que compõem a palavra: *philia*, *gênesis* e *éthos*. Ser amante do saber, ser amante dos mitos, ser filósofo e poeta, é estar à disposição das palavras, de tal forma que se possa viver em intimidade e no acordo com a admiração comum a quem se deixa atravessar pelo enigma do cosmos em seu constante movimento de criação.

ESCRITOS DA ÍNTIMA ESTRANHEZA

*

... arrisco-me a uma aproximação daquilo que quer escapar. O que quer escapar é o que tenho, agora, de mais próximo de minhas mãos: poesia.

*

Descubro o que as palavras querem e podem revelar através de mim apenas quando focalizo o próprio pensamento situado no amparo das páginas.

*

Escrever implica comprometer-me, assumir a responsabilidade de um caminho que não é nenhum outro senão este que percorro, afirmando a convocação do desconhecido que me cabe.

*

Nunca podendo se mostrar em uma pretensa totalidade, aparecendo sempre com o auxílio de escombros, o pensamento tem de se manifestar no movimento possível. Que este movimento não se queira estancar!

*

O espanto me persegue pela verticalidade de sua imposição à minha intimidade, não pela cronologia dispensada à tentativa de sua compreensão.

*

Deixo aparecer a voz que quer fazer sua diferença falar por mim. Favoreço-a. À minha revelia, ela me impõe suas próprias surpresas, minhas próprias perplexidades.

*

Antes mesmo de procurar, aceito o acontecimento de já ter encontrado o que, com seu impacto, me faz sobressaltar. Assim, desde sempre, a autenticidade já nos foi ofertada, restando-nos acolhê-la.

*

A experiência da escrita me deixa exposto pelo real que me transpõe; desconhecendo a separação entre linguagem, pessoa, vazio e todas as coisas, ela se dá justamente na respectiva encruzilhada: morada de todo espanto.

*

Ao invés de autônomo e auto-suficiente, recebo a dinâmica de uma nova emergência querendo se manifestar. Desvendado por ela, passo a intervalo permissivo, deixando existir o que quer aparecer e que, de outra maneira, não poderia.

*

A cada instante, fico admirado com isto que me é estranho e que nasce através de mim, tornando-se, de

mim, o mais íntimo, à medida que meu esforço trabalha em seu favor.

*

Na intimidade ofertada, como consegue o estranho se manter íntimo e estranho a um só tempo!

*

O aniquilamento dadivoso, que me intima.

*

Esqueço-me de mim não como quem se vinga: mas como quem, em vigília, se afirma.

*

Líquido em líquido misturado – o indecantável por divisa.

*

Intermediários do pensamento, e a mesma pessoa, escritor e leitor compartilham a entrega que alguns arranjos se destinam a lhes exigir.

*

Pensar começa com liberdade, mas, quando com coragem e persistência, a própria liberdade também é provocada pelo pensamento.

*

Consinto que caia sobre mim a intensidade única do pensamento. Acredito ser essa a necessidade imposta a qualquer pessoa que se disponha à lida com a escrita: perscrutar as palavras, para que nos revelem suas intimidades mais profundas e enigmáticas.

*

Algumas palavras cotidianas, sem uma carga prévia conceitual ou poética, às quais nenhuma atenção era dada, querem estabelecer conexões inesperadas; o poema começa quando estou apto a deixá-las adquirir seu novo vigor - arranjos até então deslembrados.

*

Miscigenar as individualidades das palavras, mostrando, sobretudo, a força bruta da coesão que as harmoniza.

*

Escrever, pensar: criar zonas de instabilidades. (...) dinamizar posturas...

*

Atingir a autenticidade do pensamento, sobretudo nos dias atuais, mas também em qualquer época, está diretamente ligado a se deixar acolher por uma zona de

esvaziamento, por uma zona de esquecimento, para poder ser surpreendido pelo impensado que habita silenciosamente o mundo e quer nos ocupar.

*

... pensamento da poética ou poética do pensamento?
(...) pensar a poesia: poetizando o pensamento...

*

Habitualmente, compreende-se o prosaico como o contrário do poético. O contrário do poético, entretanto, é o próprio poético, quando, previamente estabelecido, mesmo cansado, quer se reproduzir.

*

Os escritos se movimentam compactuando com os arranjos de criação, sustentação e desaparecimento de toda multiplicidade.

*

Pensadores fortalecem neles e em nós a autenticidade do pensamento. A maneira que têm de realizar isso é pensando, à nossa frente, para que, com eles, possamos aprender não o objeto de suas reflexões, mas a realização de nossas próprias manobras.

*

Os arranjos das palavras trazem em seu bojo uma dose de indeterminação prévia, uma abertura para o

imprevisível, para o casual; tanto inesgotáveis quanto incansáveis, acionam a fixidez que gostaria de descansar satisfeita de si.

*

Para uns, o silêncio: limite intransponível. E qualquer discurso acerca dele haveria de ser traidor. Falar seria romper com o que não pode ser dito: qualquer palavra, medida; o silêncio, desmedida que se omitiria do atrevimento de quem fala. O vocábulo silêncio expressar-se-ia melhor quando não-dito, quando oculto ou calado, a modo de indicação de uma realidade inatingível. O silêncio, entretanto, acena para isso que a linguagem deve manifestar, não apenas à maneira de indicação de algo que permanece exterior a ela, mas trazendo-o em seu próprio dizer. Generosa, a palavra presenteia o silêncio a quem dispuser sua atenção voltada para ela.

*

Uma das grandes determinações da poesia: a de promover o silêncio à condição de linguagem.

*

Poético, o caminho do pensamento dando o que pensar: na escrita, aparece o impossível a todo poder de escrever, o próprio silêncio; na escrita, aparece o impossível a todo poder de ser, o próprio não-ser.

*

No encontro com a poesia, não se trata de descaracterizar a obscuridade de seu ser, através da tentativa de torná-la clara, mas de atravessá-la, para que, neste caminho, ela possa ser percebida tal qual é. Poesia não é uma conquista sobre a obscuridade, mas um percurso através de seu cerne dirigido pela aventura da palavra.

*

Cada linha escrita: um fenômeno que quer ser. Pois um poema e uma poética teimam em transcender a toda e qualquer leitura! Sendo lugares de fluxos de sentidos, eles trazem consigo uma possibilidade ainda mais audaz do que aquela exercida por qualquer interpretação passível de se realizar. Efetivando uma leitura necessariamente limitada, todo leitor é co-criador de um livro que nunca se esgota; livro babélico, que se desdobra, a cada leitura, em mais um.

*

O texto poético, sempre bi-somático: um corpo lascivo, ofertado a quem quer que se aventure amorosamente, e um corpo virgem, recatado, que permanece para sempre recluso. Esta virgindade provoca em nós o ímpeto irresistível de um encontro amoroso, impossível, mas ao qual nos lançamos, felizes pela possibilidade de algumas intimidades surgidas no convívio.

*

... edificar esbarros acolhedores de equivocidades...
encontros... como uma assinatura polifônica em que os
contrários tensivamente se harmonizem...

*

A realidade se caracteriza enquanto ambiência disposta
na impossibilidade de escolha entre ser e não-ser:
insolucionavelmente, concomitantemente, a tensão
conjunta dessas forças se impõe. Dessa ambiência,
lugar de desnudamento, a linguagem é o espaço da
mudez que se inventa e que, desdobrando-se, se torna
expressível. Esta região calca a pertinência da palavra
na invenção.

*

A vida me dedica às palavras. A cada passo, a cada
linha, livro após livro, sei apenas que, de qualquer
maneira, estou sempre com as mãos vazias.

*

ESCRITOS DA SINTAXE DO TRÂNSITO

*

Não penso palavras, versos ou frases: penso somente articulações, acasos, arranjos...

*

... como quem se deixa levar pela sintaxe do trânsito...

*

A vida, uma indiscernibilidade experimentada.

*

O ímpeto do que não tem antes nem depois.
Simultaneidades.

*

Acato as improvisações do ordinário. Na desordem da aceleração, tudo começa, com o que se passa. Não procuro uma ordem, mas uma possibilidade em que soe o volume dos novos encontros.

*

Escutar as conversas tão de perto, mais de perto ainda, ainda mais, se puder, a ponto de, no suposto estático, descobrir apenas o movimento.

*

Escutar as conversas nos ônibus, trens, bares, entrecortadas pelo maior ou menor burburinho, escutar o burburinho, as conversas nas filas, feiras, farmácias, escutar os pedaços, descontextualizados.

*

Que esta voz surja de dentro do burburinho, misturada a ele, e, aos poucos, por algum motivo imprevisto, comece a ganhar a atenção de quatro ou seis ouvidos, enquanto os outros prosseguem os alaridos que impulsionam esta voz, eclodida – mais um dos sons – do meio da confusão.

*

O ritmo do falado, do dito, da mensagem cotidiana com velocidade eletrônica. A escrita: arranjos. Cortes. Ligaduras. Pensamento. Na tensão limite entre a forma e o informe.

*

Um excesso transbordante. Atropelando as pessoas e as coisas, a linguagem.

*

Logo abaixo da pele, pulsante, e fora dela, um balbuciar indistinto.

*

Grudada, alguma víscera ~~sempre às vezes~~ acompanha a pele da palavra apanhada no momento de seu vôo.

*

... esbarros de momentos desconexos. Com que tensão eles operam!

*

A forma: uma energia de sustentação indiscernível do próprio conteúdo.

*

Hoje, desconfio de tudo que se quer exato, necessário. No que não há desvio, no que não há casualidade, é o passado que se repete, ou a ânsia de ser repetido pelo futuro.

*

Assim como o desejo de passado, esquecer o de futuro. Dinamismo do tempo presente.

*

... o que passa pelo meio do ser, o que passa pelo meio do dito... o interesse, o interdito... o que passa...

*

A interação do múltiplo que, na fração privilegiada – um todo do todo –, alcança o ouvido da página sem nunca se repetir.

*

Antes e depois são palavras dotadas de pretensão. Tudo é mesmo durante... *durant, toujours durant.*

*

Descentrado, o que se quer importante, quem sabe, desprivilegiado por completo. Lá, onde supostamente nada acontece, tudo está em ebulição.

*

Que falem, se quiserem, de engarrafamentos... por aqui, eles nunca param completamente. Que falem, se quiserem, de entroncamentos... por aqui, eles nunca são predeterminados...

*

... que falem, pois, dos bate-bates dos parques de diversões, onde, pelo caótico do trânsito, pelos entroncamentos inventados a cada instante e pelas animadas batidas redirecionantes...

*

Aproveitar indiscriminadamente o passageiro, ou melhor, quase que indiscriminadamente, imitando-o e, sobretudo, imitando a sintaxe do que passa.

*

A explosão sutil de um detalhe no meio da confusão irrefreável.

*

... a confusão como método de trabalho... Método? De trabalho? A confusão como poética.

*

Desde há muito, com a cidade aberta por todos os lados ao bulício do que se esbarra, é na praça que se pensa o que é da praça.

*

Matéria pública se tornará de direito privado, se você não se demorar aí pela arena vulgar, aberta a toda gente, como Horácio ali se demorava, e muitos antes e depois dele.

*

Por entre os cortes, eventualmente, um e outro assunto correm... correm... até morrerem; costurá-los, às vezes, de tal maneira que nem se perceba os resquícios de suas próprias cicatrizes.

*

Não falar me corta. Pelas lâminas das frases alheias, o íntimo que eu desconhecia... a aparência valorizada de todos nós.

*

Falo sem falar. Falo falando.

*

Membros que me ampliam para o mundo, que me fazem, outrando-me, deslizar, as frases, soltas e conjuntadas...

*

... entre muitos quaisquer... entre... um qualquer, também ninguém...

*

Quem passa por ela e permanece o mesmo... não passa por ela. Quem passa por ela e se transforma em alguém... não se transforma nela. Quem diz conhecê-la... não a conhece.

*

O que me importa é o nevrálgico entrelaçado ao pensamento, o que tem de utilizar o "literário" para

poder descobrir-se e ultrapassá-lo... mas não acaba sendo o ultrapassamento do "literário" justamente seu ápice? – um dos inúmeros paradoxos que a escrita nos coloca...

*

Bressane: *O visionário em Machado é fazer com que várias emoções compactadas sejam apresentadas ao mesmo tempo. Isso é que é próprio do cinema, a compactação de várias passagens num instante.*

*

Uma poesia cinematográfica, ou melhor, romanesca, ou melhor, machadiana?... Jamais imaginei que pudesse ser assim...

*

... por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos. Sim, Brás, curioso ou não, interessante saber o que passa pela cabeça delirante das pessoas; suas transições, junturas, saltos, ebriedades, guinadas e solavancos buzinam em minha carne.

*

Não um fim em si, fechado e excluído do resto, mas um começo aberto, um caminho em constante nascimento.

*

Não laçar o que passa (a uma certa maneira campestre) para a página – o selvagem no pasto domesticado, no curral, higienizado, na branca cocheira, enfim, totalmente humanizado. A um certo modo urbano, pegar o papel já sujo do caminho, pisado por quem não se sabe, que segue seu rumo, anônimo, incontrolado.

*

Como as ruas, estas páginas precisam de bueiros; não – como se poderia imaginar – para sustar a sujeira (aqui, acatada), mas para vencer, isso sim, o que quer impedir a fluidez.

*

Enquanto outros fazem uma linha de impedimento para o espanto, isolando-o – o perigo adversário? –, eu o quero por todo o campo, jogando pelos dois times, desregrado, e trazendo a torcida para o meio da peleja.

*

Desalgemar o poético do poema, do que se convencionou chamar de poema; deixá-lo fugidio pela cidade, perigoso, arrastando o que lhe aparece pela frente. Desalmá-lo, desindividualizá-lo; pantificá-lo, como convém.

*

Com um arranjo penetrador, um arranjo perturbador,
uma inserção interessada na matéria e através de sua
própria pele, tudo se descobre produção, artifício.

*

Mesmo nos mais arraigados estereótipos, no falatório
disperso pela fumaça, sobretudo neles, cuja força
com o tempo se impôs, a engrenagem propulsora. Arte:
uma prótese que faz reviver o movimento, a criação, a
desidentificação.

*

Tudo despregado, a superfície me cega; dela, vou
emergindo.

*

ESCRITOS DA VIDA

*

Com a escrita, volto ao quando, mesmo antes de nascerem, alguns arranjos se querem audíveis. E o empenho me incita a apreendê-los.

*

Repetindo-me, recomeço sempre de um ponto pelo qual nunca passei.

*

Por necessitar apenas de momentos em que passo por uma ou outra posição, por menosprezar, portanto, as exposições, por privilegiar as implicações às explicações, a instabilidade à estabilidade, escrevo aos trancos e espantos.

*

No papel, ao invés de parada, a frase se movimenta. A memória não a pode decorar, nem o esquecimento deixar de ser escrito.

*

Se falo de mim, não é por engano: já me perdi.

*

No secreto recinto do monólogo, há algo de ascético ou decadente, algo de asséptico que quer, a todo custo, ser

preservado, alcançado ou ferido. No diálogo, revelador da saudável proximidade da filosofia com a praça, há algo de eminentemente filosófico – a necessidade da questão concentrada para, passo a passo, levar-nos adiante. Mas uma época que desconhece qualquer paralisia, que se esqueceu da unidade e desse esquecimento, não tendo aonde chegar, presentifica a alegre dispersão do burburinho das ruas de uma sexta-feira em fim de expediente, festejando suas plurilogias.

*

Lanço-me a uma manobra que estabeleça uma convivência mais íntima entre as palavras e a vida, flagrando-as numa mesma dinâmica de arranjos multiformes.

*

Não exatamente a linguagem, o poeta habita, mas percorre o movimento indizível de seus interstícios, como quem, por inindividualmente precedê-la, precisa recriá-la, inventando constantemente novos deslocamentos. – Ou será esse movimento indizível de seus interstícios o que chamamos de linguagem? Ou precedê-la será propriamente habitá-la?

*

No lugar de uma indagação, uma exclamação; no de uma tristeza apática, uma simpática alegria; no de um esteticismo, uma valorização das confusões características da atualidade; no de uma reprodução

conceitual erudita, uma poética que ouse nos aderir à vida, fazendo com que desejemos esta experiência, de antemão necessária, com nossas melhores forças.

*

Para que, na complexa trama da superficialidade, um pensamento poético, incondicionalmente a favor da vida e de seu perigo oscilante, aposte no presente irretratável.

*

E a poesia como vínculo, como liame, como meio de aproximação, de preservação, de resguardo da própria vida, como celebração de quem se descobre atravessado por ela.

*

As melhores forças poéticas vão da mediação à imediação, sem precisarem sair do lugar em que estão.

*

Gostaria de lançar para a poesia, para a arte, o conceito de ínfima mediação, ou, como o prefiro, abreviado, o conceito de: i.mediação.

*

Irrompendo na vida, a poesia a risca, com sua linha de antecipação.

*

... uma diagonal de legibilidade atuante inventando um futuro jamais antevisto...

*

Demasiadamente soltas, há coisas que, para se manterem erguidas, pedem um fio mínimo que as traspasse; há outras que, de tão amarradas, rígidas, pedem o corte do que as prende, até que sobre apenas o mínimo necessário para mantê-las erguidas.

*

Partindo-se, um fio tênue ecoa o tenso momento de sua explosão.

*

Os livros: uma ponte estendida pela vida entre ela e a pessoa, a ser transposta por essa última para que possa, enfim, juntar as duas margens, tornando-as indiscerníveis.

*

... a empatia como única disposição duradoura... impacto... compatibilidade...

*

Vida: um nome para o que não há de fora. Todos os nomes estão na vida, mesmo os de fora e os ainda não engendrados.

*

Sem querer, entramos, lutamos por ela, e, se queremos sair, sem mais agüentar, estamos tão presos que só conhecemos os caminhos dela — nos quais sempre estamos, sem poder fugir.

*

O que separa a morte de um homem de um homem forte, o que o separa de sua sorte, ou o une a ela, o que determina o porte de quem anda de cabeça erguida ou cabisbaixo, é o corte incisivo de uma ou outra letra.

*

E me escreveram, dizendo: *Ele estava lendo um livro, pela manhã, como sempre. A certa altura, fechou o livro, depois os olhos. E então morreu. Morrer fechando um livro, literalmente. Jabès fez da morte uma escrita (uma interrupção da escrita), uma leitura (o encerramento de uma leitura). Poucos meses depois, parece que o mesmo ocorreu à sua mulher...*

*

Para quem sabe ouvi-lo, em toda palavra está presente um grito anônimo, inumano, um grunhido inanimal, um ruído não-coisal... Para quem sabe ouvi-la, toda palavra

é uma nervosidade da vida, uma rugosidade da vida.
Um grito da vida. De dor? De regozijo? Para quem sabe
ouvi-la, toda frase é um murmurinho ~~da~~ vida.

*

Vida, uma musculatura na tensão constante entre
contração e relaxamento, uma peristalse, um puro
movimento.

*

... ginástica: perseverantes, as individualidades fazem
um alongamento da vida.

*

Dando voz a eles que, com apenas uma frase,
demarcaram a única maneira para se avaliar a poesia (a
arte), sirvo-me de próteses. De um, extraio uma
fórmula:

*moralidade poética = ousadia = revelação de uma
exuberante abundância de força vital*

De outro: *foi o ódio à vida ou o excesso de vida que aí
se fez criativo?* E foi uma poeta, quem escreveu: *I find
Extasy in living – the mere sense of living is joy
enough.* Ou: *To live is startling, it leaves no other room
to other occupations.*

*

Talvez haja ainda uma outra maneira para se avaliar a poesia: ela quer se fixar ou movimentar-se, ela quer prender a si quem recebe seu esbarro ou impulsioná-lo a caminhos não trilhados?

*

Se busco um pensamento poético, se me aproximo poeticamente da filosofia, é apenas porque busco uma poesia poética.

*

Quando um filósofo se aproxima filosoficamente da poesia, pode ser apenas porque busca uma filosofia filosófica.

*

Para ser mais claro: desinteresse-me logo por toda filosofia que, de alguma maneira, não se deixa afetar pela poesia e por toda poesia que, implícita ou explicitamente, não oferece uma densa malha do pensamento. Em ambas, é a vida, a prejudicada.

*

Há poetas que até sabem escrever, mas como pensam mal! E filósofos que até sabem pensar, mas como lhes falta o ímpeto da criação! A esses dois casos, prefiro a conversa fiada das ruas, onde descubro mais poesia, mais pensamento, do que em muitos poemas e textos que leio por aí.

*

Assim, na bucha, eu não falo não, mas deixa eu me esquecer que, de repente, eu falo... Que poetas contemporâneos, que filósofos, teriam a força para uma frase como essa? Para uma prática como essa? Não muitos. E eu a ouvi saindo da boca de um transeunte qualquer nas ruas da Glória...

*

Falar apenas quando à revelia. Quando estamos prontos para o acaso daquela frase bordada num manto com os fios da própria roupa: *eu preciso destas palavras.*

*

Ou então: falar apenas quando à revelia. Quando estamos prontos para o acaso de qualquer frase do meio da rua.

*

– Não há, então, para você, distinções entre poesia e filosofia? – Sim, claro, as mesmas que há entre o corredor de velocidade e o corredor de fundo.

*

... poesia (e) filosofia... leitões de indelimitação, para que novos fluxos, imprevisíveis, de múltiplos volumes e velocidades, possam correr.

*

Uma escrita da fruição das instabilidades.

*

Talvez sejam mesmo essas, as maiores importâncias da miscigenação entre poesia e filosofia: a encenação de um pensamento no teatro da imanência, uma tensa adesão às suas latências e exalações, a busca de um sim irrestrito ao movimento de manifestação da vida, a realização de uma escrita viva, acolhedora do contingente, do acaso, do qualquer, do simultâneo...

*

Já em Schlegel, o contato entre poesia e filosofia quer *tornar viva e sociável a poesia, e poéticas a vida e a sociedade.*

*

... substituir a força rígida, estrutural, do construtivismo por um fluidismo inerente à linguagem..

*

Um dos conceitos do cinema se apropria de mim: *tempo morto*: segundo Sganzerla, ele se manifesta naqueles *instantes restantes após gestos importantes, aqueles em que aparentemente não acontece nada.*

Deixar os tempos mortos aparecerem na poesia, para vivificarem os quaisquer que vivem no tempo.

*

Partindo da exigência de ser em minha individualidade, cuido de uma ambiência de perdição na vida, a ponto de me dissolver nela, de me tornar, com ela, uma única experiência, de maneira que ela atue e se manifeste em mim, por meu intermédio.

*

Poesia, sim... com ela, eu, tudo e todos que existimos em nossas diferenças específicas, através de nossas particularidades, num jogo de contradição libertador, experimentamos o indiscernível da vida, fazendo com que toda e qualquer individualidade, aberta à sua superação, torne-se, assim: uma vida:...

*

...: uma vida que se quer um fenômeno da própria vida, determinando um lance de confusão entre a coesão explícita de toda individualidade e a disjunção de uma imaterialidade virtual, eficaz, para onde escapa tudo o que é perceptível.

*

Esse lance de confusão, de onde e para que nasce a obra cuja tarefa é servi-lo, ou instaurá-lo criativamente, faz com que a obra, artística, mergulhe sua distinção na

suposta alteridade, criando, na indiscernibilidade experimentada, um caminho tenso do espanto e da admiração.

*

A qualquer momento, tudo se desmancha. Da latência, essa espreita do revés se revela inesperadamente em qualquer detalhe.

*

, o veloz impacto de uma subitaneidade desestruturante das fixidades, vazador das linhas de exclusão,

*

Afirmar a diferença; de dentro dela, sem apagá-la, intensificando-a, por sua zona de permeabilidade, cair, no buraco sem fundo da indiferenciação.

*

... desguarnecendo fronteiras, a emersão incontrolável do inindividual até a pele do divíduo...

*

Na capa de um livro, meu nome é uma assinatura da vida, um substantivo próprio de sua intensidade, algumas vezes reunidas ou em debandada, umas palavras da invenção do que vive, indiferenciado, pelo

turbilhão tranqüilizado e pela tranqüilidade excitada de meu corpo – corpo-cidade, cidade-vida.

*

Escrevo... como o asfalto escreve o seu diário, como o cão de guarda, sua nítida atenção, como o rinoceronte, como o poste, como o carro, escrevo como a areia, seu grão, como o revólver, nossa aniquilação, escrevo como escrevem as coisas, os bichos ou minha desproteção.

*

Nota Final

Os *Escritos da Admiração* foram primeiramente publicados no livro *Poesia (e) Filosofia; por poetas-filósofos em atuação no Brasil* (Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 1998); os *Escritos da Íntima Estranheza* apareceram na *Revista Azougue*, ano V, vol. 2, maio de 2000; os *Escritos da Sintaxe do Trânsito* foram apresentados no 2^o *Encontro de Ciência da Literatura* realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no dia 22 de outubro de 2002, sob o título *Escrita e Cidade: Uma Sintaxe do Trânsito*; os *Escritos da Vida* vêm aqui a público pela primeira vez.

LIVROS PUBLICADOS:

Poesia:

Na cidade aberta. Rio de Janeiro: Ed. U.E.R.J, 1993
Escritos da freqüentação. Rio de Janeiro: Ed. Paignion, 1995.

A fronteira desguarnecida. Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 1997.

Ecometria do silêncio. Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 1999.

A vida é assim. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

Outro livro:

Guia conciso de autores brasileiros. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2002 (com Caio Meira).

Organização de livro:

Poesia(e)Filosofia; por poetas-filósofos em atuação no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 1998. (com Adélia Prado, Alberto Pucheu, Antonio Cicero, Fernando Santoro, Marco Lucchesi, MD Magno, Orides Fontela e Rubens Rodrigues Torres Filho).